

**DE ELEFANTES, JABUTIS E OUTROS BICHOS: O PORTUGUÊS BRASILEIRO EM DIÁLOGO COM A LÍNGUA
PORTUGUESA E COM A ITALIANA**

*ABOUT ELEPHANTS, JABUTIS AND OTHER ANIMALS: BRAZILIAN PORTUGUESE IN DIALOG WITH PORTUGUESE
AND ITALIAN LANGUAGES*

Roberto Mulinacci¹

Karen Sampaio B. Alonso²

O português brasileiro, que bicho é esse?
(Pires de Oliveira; Quarezemin, 2016)

Era uma vez um elefante no quarto da Lusofonia. Pois bem, na esteira de outras e mais recentes metáforas zoológicas³ evocadas acerca do assunto que aqui se apresenta, talvez não seja de todo implausível recorrermos, de saída, a tal celeberrima expressão inglesa (“the elephant in the room”) para tentar introduzir esse novo dossiê dedicado pela *Revista Linguística* ao Português Brasileiro. Efetivamente, muita água tem passado debaixo da ponte dos estudos sobre a Língua Portuguesa desde quando o Português Brasileiro era um tema tão negligenciado pela literatura científica congênere que nem tinha uma denominação de referência, sendo apenas rotulado, no máximo, como “português do Brasil”, ou seja, com uma declinação abstratamente geográfica – aliás, confirmada pela inoperante alternância das preposições (“no” ou “do”) visando a precária identificação do objeto em pauta – que, porém, por paradoxal que hoje nos pareça, não questionava minimamente a suposta superior unidade de um sistema linguístico tido como comum e indistintamente supranacional. Não é por acaso, de resto, que, longe de ser simplesmente escamoteada sob as vagas fórmulas panlusófonas de filólogos do porte, entre outros, de Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Sílvio Elia, a diversidade do português falado no Brasil foi, durante muito tempo, até neutralizada através do modelo de análise diassistemático, explicando os elementos parcialmente diferenciados daquele (dias) sistema nacional em termos de meras variantes de natureza dialetal e tornando assim possível a descrição delas em relação a todas as demais daquele conjunto de sistemas.

¹ Università degli Studi di Bologna, roberto.mulinacci@unibo.it, <https://orcid.org/0000-0002-9440-9207>.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), karensampaio@letras.ufrj.br, <https://orcid.org/0000-0002-7853-0015>.

³ Vejam-se, por exemplo, aquelas, sem dúvida elucidativas e bem sucedidas, de “jabuti” e “tartaruga” utilizadas por Mary Kato, Ana Maria Martins e Jairo Nunes na apresentação do seu excelente volume *Português Brasileiro e Português Europeu: sintaxe comparada*, São Paulo, Contexto, 2023.

A partir, porém, da década de oitenta do século passado, o tabu da “questão da língua brasileira” que tinha alimentado, com vicissitudes alternadas, o debate público no Brasil praticamente ao longo de quase cem anos começa de repente a se quebrar, deixando entrever, em uma série de obras pioneiras⁴, uma alternativa terminológica que, conforme afirmaria depois Ilari (2010), acabou não só por mudar o paradigma descritivo do português implantado no solo americano, deslocando seu baricentro da escrita para a fala, como também por tirar àquela realidade idiomática particular o “poder de distorção” dos filtros (Ilari, 2010, p. 26) – diga-se de passagem: eminentemente de teor político e cultural, mais do que apenas linguístico – através dos quais havia sido até então perspectivada. Em outras palavras, a combinação em planta estável do adjetivo “brasileiro” ao lado do nome da língua não se limitou a propor apenas uma nova marca registrada dentro do quadro da tradicional geografia lusófona, mas impôs inclusive uma tomada de consciência de ordem mais geral no tocante ao processo de progressiva autonomização daquela variedade em relação à europeia, “um fenômeno lento e de águas profundas” (Castro, 2011, p. 31), ainda, como se sabe, em andamento e capaz, porém, de se tornar, aos poucos, um dado incontornável para as pesquisas dessa área.

No entanto, o autêntico ponto de virada na história da emancipação, também epistemológica, (enquanto objeto de conhecimento autônomo) do Português Brasileiro da sua secular subalternidade ao Português Europeu se deu, mais do que no interior da casa comum do velho “mundo de expressão portuguesa” – onde a ideologia de um monolinguismo em português, sem compartimentações nacionais, sempre prevaleceu e não só no âmbito dos leigos em linguística –, naquela cena internacional, para onde a assim chamada “língua de Camões” foi de repente catapultada em 1992, quando da publicação do volume *Pluricentric languages: differing norms in different nations*, organizado por Michael Clyne, que identificava exatamente no português, além do árabe, a existência de desejáveis “conditions for symmetric pluricentricity” (Clyne, 1992, p. 463). Ou seja, será justamente o reconhecimento, em especial vindo de fora, de uma dimensão intrínseca e prototipicamente pluricêntrica do português – independentemente da adequação, que não cabe aqui discutir, de tal categoria ao atual status efetivo desse idioma –, com duas normas substancialmente em pé de igualdade, o que vai abrir, mesmo de forma simbólica, uma nova fase do interesse dos linguistas, inclusive estrangeiros, pelo português brasileiro.

Só que, enquanto os passos enormes dados, no Brasil, pela linguística desde 1970 em diante – com empreendimentos descritivos que já se tornaram marcos históricos como o Projeto NURC ou se converteram em verdadeiros “clássicos” da produção científica sobre a variedade local de Português como o volume de Roberts e Kato (1993) –, contribuía para um enfoque cada vez mais preciso do assim chamado “vernáculo brasileiro” (Perini, 2003, p. 36) em contraposição à língua portuguesa decalcada do padrão europeu. Os gramáticos autóctones, pelo contrário, continuavam, com poucas

⁴ A primeira das quais, em termos cronológicos, pode ser considerada o livro de Hildo Honório do Couto, *O que é português brasileiro*, publicado pela editora Brasiliense em 1986.

exceções⁵, a repropor uma norma substancialmente unívoca de português, redimensionando as diferenças entre as duas variedades em função das suas semelhanças. Basta pensar, por exemplo, nas atualizações dos compêndios elaborados pelos dois reconhecidos mestres do gênero gramaticográfico no Brasil, a saber Celso Cunha e Evanildo Bechara⁶, as quais, embora não de todo avessas, pelo menos em tese, aos novos conhecimentos disponibilizados pelas pesquisas em torno do português brasileiro, não conseguem, porém, se furtar àquela “sorte de esquizofrenia” (Lucchesi, 2015, p. 187) que, afinal, acaba, como de costume, por subalternizar os usos brasileiros às regras lusitanas, alimentando assim a insegurança linguística dos falantes da variedade sul-americana do português.

Mas se é verdade, conforme afirma Pagotto (1998), que durante muito tempo o discurso científico sobre a “especificidade do português do Brasil”, longe de questionar a norma purista, redundou, por causa de uma paradoxal heterogênese dos fins, em um processo histórico-cultural funcional à manutenção dela, vale a pena também lembrar que isso concerne, mormente, aos supracitados expoentes da Gramática Tradicional mais do que aos linguistas, sendo, de fato, estes últimos, os principais responsáveis por aquela desejada mudança dos paradigmas de gramatização “criando o contexto necessário para o surgimento das Gramáticas Brasileiras Contemporâneas do Português” (Vieira, 2016, p. 37). Contudo, bem antes de os espécimes desse novo filão trazerem na capa o adjetivo “brasileiro” para qualificar melhor o nome da língua, será ainda no exterior, precisamente nos Estados Unidos, que vem à luz, em 2002, não só o primeiro “retrato fidedigno” (segundo as palavras de Mário Perini, o seu autor) do português em geral, descrito agora sob as bases das teorias linguísticas mais avançadas, mas também do português brasileiro em particular, assumido explicitamente como referência exclusiva da descrição gramatical que ali se pretendia levar a cabo e que, diferentemente do passado, vinha contemplar, dessa vez, além da modalidade escrita, a fala. E é, com efeito, exatamente neste volume, *Modern Portuguese: a reference grammar* – depois de Mário Perini já ter ensaiado, na sua *Gramática Descritiva do Português* de 1995, critérios de análise bastante inovadores, embora limitados ao padrão escrito -, que, pela primeira vez, “the modern Portuguese language as spoken and written in Brazil” (Perini, 2002, xxi), se torna, mesmo à revelia da sua vindoura denominação oficial, uma realidade linguística finalmente abrangente e complexa, merecedora, por conseguinte, tanto de ser codificada na inteireza das suas dimensões de variação, em prol dos falantes nativos, como (e sobretudo), de ser ensinada, incluindo seus aparentes desvios “antinormativos”, aos aprendizes estrangeiros.

⁵ Dentre estas exceções, destacamos a série das *Gramáticas do Português Falado* - iniciada, sob a coordenação de Ataliba de Castilho em 1990 -, à qual se seguem, em rigorosa ordem cronológica, a *Gramática Descritiva do Português* (Perini, 1995), a *Gramática dos Usos do Português* (Neves, 2000) e a *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa* (Azeredo, 2008).

⁶ Estamos nos referindo, respectivamente, na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, escrita em parceria com Lindley Cintra e publicada - na esteira da *Gramática do Português Contemporâneo* (1970) e da *Gramática da Língua Portuguesa* (1972), ambas de autoria exclusiva do grande filólogo mineiro -, em 1984 e na *Moderna Gramática Portuguesa*, cuja 37ª edição de 1999 (a primeira havia saído em 1961) constitui inclusive, nas palavras de seu autor, “um novo livro” (p. 19), o que justificaria a inclusão dela no corpus gramaticográfico brasileiro do último quartel do século XX.

Destarte, talvez resida, no fundo, justamente naquelas páginas impressas pela editora da Universidade de Yale, com oito anos de antecedência em relação à inauguração efetiva da *nouvelle vague* da gramaticografia nacional sobre o tema – a que o próprio Perini daria o pontapé inicial, em 2010, praticamente em simultâneo com Ataliba de Castilho (2010) –, o autêntico certidão de nascimento do português brasileiro como produto autônomo e distinto da língua portuguesa *tout court*, passível, portanto, de ser em breve comoditizado no mercado internacional das línguas, mas já começando, desde então, a se espalhar pelo mundo afora sob roupagens, naquela altura, ainda em boa parte inéditas no Brasil, inclusive nos materiais didáticos.

O resto da história – em que, aliás, estamos atualmente envolvidos –, é bem conhecido. A partir de 2010, com o lançamento das duas gramáticas supramencionadas, as primeiras de uma longa série que chega até nossos dias⁷, o Português Brasileiro, não somente deixou de ser considerado um elefante no quarto da Lusofonia, se tornando, pelo contrário, o objeto de estudo mais abordado pelos pesquisadores dessa área, mas de patinho feio ele virou inclusive um cisne, por se configurar hoje como a língua românica provavelmente mais bem descrita (levando, pelo menos, em conta o número de gramáticas) juntamente com o italiano.

E isso explica também, muito além dessa alusão superficial, o sentido profundo da escolha dos organizadores desse dossiê temático de tentar colocar em diálogo a reflexão linguística realizada no Brasil em torno do português brasileiro e aquela que – conquanto mais restrita quantitativa e qualitativamente - se faz há vários anos na Itália sobre o mesmo assunto, no âmbito de uma comunidade acadêmica sem dúvida periférica a respeito do *core-business* em tela, mas onde, ao longo das últimas décadas, o interesse por essa variedade, a despeito do ostracismo científico de que ali historicamente sofreu por parte das velhas gerações locais de filólogos, fez registrar um crescimento relevante. Não à toa, por exemplo, a Itália é hoje um dos países pertencentes ao que poderíamos designar – Kachru *docet* – como “círculo de expansão” do português onde o ensino universitário dessa língua é mais difundido, com cerca de vinte universidades ministrando cursos de língua e literatura (com ambas as literaturas, a portuguesa e a brasileira, devidamente representadas) e, ainda por cima, desenvolvendo uma atividade de investigação linguística com amplo raio de ação, não raro expressamente voltada para o português brasileiro. De fato, não obstante todos os preconceitos de que foi vítima no meio acadêmico da Itália do século XX, a variedade sul-americana do português sempre gozou de certa popularidade dentre os gramáticos italianos dessa língua, a ponto de não serem poucos, no decorrer dos cem anos anteriores, os manuais dirigidos a aprendizes itálofonos cujos títulos se referem àquela “língua portoghese-brasiliana”⁸ que, no mesmo período, o próprio Brasil se recusava a reconhecer, para não mencionar o caso mais recente e clamoroso de um *Corso di Brasiliano (sic et simpliciter)*,

⁷ Depois das gramáticas de Perini e Castilho, a série inclui também, dentre as demais, a *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro* de Marcos Bagno (2011), a *Gramática Descritiva do Português Brasileiro* de Perini (2016), a *Gramática Inteligente do Português do Brasil* de Vitral (2017) e a *Gramática do Português Brasileiro Escrito* de Vieira e Faraco (2023).

⁸ Cf. Frisoni (1894), Fremura (1947), Bughÿ (1957).

com o qual, em 2016, três conceituados professores de três Universidades italianas propuseram emblematicamente cortar o nó gordiano da velha questão nominalista inerente ao idioma em apreço: português ou brasileiro?

Foi também por tudo isso, em suma, que achamos legítimo testar as potencialidades heurísticas decorrentes do fato de linguistas atuantes no Brasil e na Itália voltarem a se confrontar, cada um com suas diferentes especialidades, mas agora dentro de um projeto comum, no terreno do português brasileiro, embora não com vistas a uma implícita competição de métodos e sim a uma mútua colaboração de ideias, visando a complementar os distintos olhares críticos naquela profícua encruzilhada científica onde a proximidade e a distância a respeito do objeto analisado se encontram sem se anularem.

Em assim sendo, o conjunto das contribuições reunidas neste volume, e sobre as quais vamos nos debruçar em detalhe logo a seguir, devolve ao leitor uma imagem do português brasileiro contemporâneo não só multifacetada, nos seus diversos níveis de análise, observados pelo ângulo de fenômenos pontuais ou de linhas de tendência evolutiva mais gerais, como também a imagem de uma língua preocupada com as questões de cultura, de ensino e de cidadania que acompanham essa sua fase de crescimento, inclusive em escala internacional, e que, como é fácil de se ver, inerem profundamente à sua história mas, sobretudo, ao seu futuro.

É com essa reflexão em vista que passaremos a tratar mais especificamente dos artigos que compõem este número da Revista Linguística, a qual versa sobre *O Português Brasileiro na produção científica do Brasil e da Itália*. Os artigos serão apresentados na ordem em que aparecem no sumário da revista e percorrem um caminho que, por um lado, mostra um conjunto diversificado de descrições acerca do português brasileiro, com destaque para o tratamento da variação, tanto em termos da produção como da percepção de seus falantes; por outro, oferece reflexões e propostas de práticas pedagógicas do português brasileiro como língua materna e para aprendizes itálofonos.

Assim, abrindo a Revista, o artigo *Uma representação construcionista dos adjetivos adverbiais e as suas semânticas no português brasileiro*, de autoria de Sara Adelino e Diogo Pinheiro versa exclusivamente sobre o Português do Brasil. No texto, a autora e o autor propõem uma rede da *Construção de Adjetivo Adverbial* (como se vê em dados do tipo: *subir direto, falar rápido*, entre outros), com vistas, especificamente, a estabelecer uma representação semântica dessa rede. Nesse sentido, a autora e o autor cunharam oito subconstruções associadas à *Construção de Adjetivo Adverbial* distribuídas por classes semânticas: (1) VERBO ADJduração; (2) VERBO ADJgrau de esforço/talento requerido para obtenção de um resultado; (3) VERBOMudança espacial ADJtrajetória; (4) VERBO ADJgrau/escala; (5) VERBO ADJjuízo de valor; (6) VERBO ADJidentidade; (7) VERBO ADJconformidade; e (8) VERBO DIRETO. Com a descrição e representação da rede das subconstruções anteriormente referidas, a pesquisa mostra que a construção mais geral de Adjetivo Adverbial possui abrangência limitada em relação às classes semânticas a ela associada, o que afeta diretamente seu uso e produtividade.

Também descrevendo o português brasileiro, encontra-se, por exemplo, o artigo de Damaris Silveira, com o título *Clivadas é que à luz da Cartografia Sintática*. Nesse texto, a autora traz uma proposta para as chamadas *clivadas invertidas* (como por exemplo, o que se tem em: *A Maria foi que bebeu o vinho*), propondo que elas não sejam interpretadas como uma versão invertida das clivadas, mas como apresentando uma estrutura independente, na qual tanto a cópula quanto o complementizador são entendidos como itens funcionais. Assumindo, portanto, uma visão diferente da mais comumente adotada pela literatura, a autora propõe o nome *clivadas é que*, no lugar de *clivadas invertidas*. À luz do Programa Cartográfico, o artigo vem contribuir para o melhor entendimento das clivadas no português do Brasil.

Em seguida, o texto *Subject doubling in Brazilian Portuguese: an analysis of the resumptive pronouns*, de Letícia Kriek, Sandra Quarezemim e Vitor Hochprung, investiga as sentenças de duplicação do sujeito no português brasileiro (como em *A Joana ela sabe tudo de tamborim*), buscando demonstrar que, nessas estruturas, o sujeito poderá aparecer tanto como um tópico quanto como um sujeito gramatical. O artigo apresenta uma análise formal do comportamento dos pronomes resumptivos nas sentenças de duplicação de sujeito, demonstrando que eles são fortes, quando o sujeito está deslocado para a esquerda, e fracos, quando o sujeito DP está no domínio-A.

Também como contribuição ao melhor entendimento da variedade sul-americana do português encontra-se o texto *A interação entre o segmento e suprasegmento: a (não)manutenção do r em fronteira de sintagma entoacional*, de autoria de Caio Korol. Ancorado nos pressupostos da Fonologia Prosódica e da Abordagem Autossegmental e Métrica da Fonologia Entoacional, a pesquisa auxilia no entendimento da relação entre o apagamento variável do rótico em final de palavra (especificamente quando se trata de não-verbos), a partir de dados do município de Chuí, no Rio Grande do Sul. De acordo com os resultados obtidos na pesquisa indicam que o domínio de IP é desfavorecedor em relação ao apagamento da consoante.

Ainda sob o aporte da Fonologia Autossegmental e Métrica, o artigo *A prosódia na fala de adultos autistas: um estudo de dois casos*, de Leandro Lisboa e Carolina Serra, se dedica, como indica o título, a descrever a produção de adultos autistas. mais especificamente, os autores se propõem a descrever o comportamento acústico-entoacional da fala de dois autistas adultos na produção de diferentes tipos frásicos, mostrando como pessoas autistas e atípicas se diferenciam em termos da duração silábica e da variação da gama de F0. Para tanto, o autor e a autora utilizaram metodologia experimental e chegaram a resultados que confirmam que há diferença na fala de autistas e na fala típica, tendo sido observado, na fala autista, maior duração silábica e menor variação de aumento ou queda melódica de F0 no pré-núcleo e no núcleo dos enunciados.

Avançando no sumário da Revista, temos o artigo “*Eu tinha trago um cigarro antes que tivesse chego em casa*”: *um estudo sobre a emergência de novas formas de participio no PB*, de autoria de Marcelo Melo e Débora Deus, que trata de formas inovadoras de participio passado no PB (a exemplo de trago e chego). Tomando como arcabouço teórico os princípios das Sociolinguística Variacionista

e dos Modelos de Exemplos, o autor e a autora desenham dois experimentos para tratar da produção e da avaliação das formas de participio. Como resultado da pesquisa, ele e ela propõem dois pontos relevantes para as abordagens baseadas no uso, quais sejam: (i) clusters de exemplos mais robustos, como os de *pago* e *pego*, influenciam a emergência de formas inovadoras como *trago* e *chego* devido à similaridade fonética entre as formas; e (ii) a propagação das formas inovadoras pela comunidade de fala pode ser motivada pelo fato de que falantes mais escolarizados já não estigmatizam essas formas.

O texto *Produção e processamento de variantes: o caso dos pronomes acusativos de terceira pessoa em português brasileiro*, escrito por Ronan Pereira, Mariana Silva e Catarina Rosa, traz os resultados de testes de produção – natural e induzida – para verificar como o uso de variantes de pronomes acusativos de terceira pessoa (pronomes fortes e pronomes clíticos) interage com o grau de monitoramento da fala. Além de focar na produção, o autor e as autoras também testaram o processamento desses pronomes - via tarefa de *sentence matching*. Como resultado, concluíram que, de um lado, o pronome clítico é mais usado em situações de fala mais monitoradas; de outro, em termos de processamento, não foi encontrada diferença.

Em termos da forma como os falantes encaram sua língua, o texto *Avaliações sociolinguísticas acerca do uso de tu e você na variedade maranhense do português*, de João Vitor Lopes e Wendel Silva, apresenta uma pesquisa motivada pela crença difundida de que a variedade maranhense do português do Brasil seria a variedade mais *certa* e *bonita* do país. Essa pesquisa se apresentou em duas etapas: em um primeiro momento, foram realizadas e analisadas transcrições de duas amostras de fala – mais especificamente, ludovicenses (falantes de São Luís) e bacabalenses (falantes de Bacabal) –, contendo metacomentários acerca do falar maranhense. Em complementação a essa primeira etapa, foi construída uma amostra de avaliações sociolinguísticas de falantes bacabalenses, de forma a garantir a comparabilidade entre ludovicenses e bacabalenses. Em conclusão, os autores trazem uma contribuição para um melhor entendimento de como os maranhenses encaram a forma como falam, mostrando que tanto ludovicenses como bacabalenses avaliam positivamente sobre o próprio discurso.

O diálogo entre pesquisa e ensino se apresenta inicialmente neste número da Revista Linguística com o artigo *Varição lexical: fatores que influenciam a variação a partir da análise de atividades em livros didáticos*, de Carlos Álack de Lima, Herbertt Neves e Renata Livia. A pesquisa fundamenta-se nos estudos Sociolinguísticos e na Pedagogia da variação linguística e tem como objetivo analisar atividades que abordam a variação lexical nos livros *Interação português*, de Sette *et al.* (2020), e *Linguagens em interação: língua portuguesa*, de Chinaglia (2020). O resultado desta análise traz achados bastante interessantes, mostrando que três fatores influenciam a variação lexical nas obras estudadas, quais sejam: fatores geográficos, sociais e estilísticos. Apesar de três fatores terem sido apontados como importantes, os dois últimos foram ainda mais significativos, segundo a pesquisa.

Com relação ao ensino de português brasileiro para itálofonos, o artigo *Usos da preposição “em” por falantes de italiano na aprendizagem do português brasileiro: uma perspectiva linguístico-ecossistêmica*, de Stephanie Guerra e Elza Couto, busca verificar como a preposição *em* está sendo empregada em textos produzidos por estudantes italianos, considerando tanto seus usos mais e menos prototípicos. Para tanto, a pesquisa adota a perspectiva da Linguística Ecossistêmica, com enfoque na Ecologia das Relações Espaciais. Os resultados indicam que os estudantes preferem usos prototípicos (como no exemplo do texto *Eu estava deitado no banco de trás do carro*) em comparação a não-prototípicos (como, segundo o texto, é observado em: *estava chegando em casa com meus pais*), demonstrando optar majoritariamente por estratégias comunicativas que sejam mais seguras no contexto de aprendizagem de língua adicional.

Nessa mesma direção, encontra-se o texto *Português como língua adicional em ambiente italiano: indícios de construções diassistêmicas*, de autoria de Ana Luiza Oliveira de Souza, que visa contribuir para os estudos que se dedicam a compreender manifestações linguísticas em contexto multilíngue. Para o desenvolvimento da pesquisa, a autora fez uso dos pressupostos da Gramática de Construções Diassistêmica e analisou produções orais de jovens itálofonos de Português Língua de Herança e escritas, de jovens itálofonos de Português Língua Estrangeira. Os dados que a autora traz no artigo revelam como o repertório do falante em relação às duas línguas, tipicamente associado ao processo de aquisição em contexto multilíngue, pode ser capturado pela produção textual dos falantes. É o que ocorre nos exemplos “e... e um dia o papagaio foi dado a uma menina que **prende cura dele**, também quando ela **diventou** grande” (dado de falante de Português Brasileiro Língua de Herança) e “...**Ela gosta muito os animais**, sobre tudo os cachorros. Ela é muito amável e afectuosa...” (dado de falante de Português Brasileiro Língua Estrangeira). Nesses exemplos, claramente há uma interferência do italiano na produção dos falantes em português brasileiro, uma vez que, conforme ressaltado em negrito, encontramos construções estranhas ao português brasileiro.

Ainda, compondo o conjunto de textos que versam sobre o processo de ensino-aprendizagem do português do Brasil por itálofonos, está artigo *Um estudo da língua-cultura brasileira a partir da polissemia de “um belo dia”*, Vânia Casseb-Galvão. Trata-se de um texto que congrega eixos como o da relação norma e uso do português brasileiro, processos de mudança, diferenciando o português brasileiro do português europeu e o ensino de português, refletindo sobre teorias e métodos de aprendizagem, considerando contextos culturais complexos. Mais especificamente, o leitor terá em mãos uma proposta de sequência didática para ensino de português em contexto universitário (italiano), tomando como tema a polissemia da expressão *um belo dia*, a qual, ao longo do tempo, foi ganhando usos mais abstratos.

Ainda, o texto *Análise intercultural: o panorama do ensino de português na Itália*, de Camila Oppelt e Gisele Nunes, faz uma análise ampla de como a língua e a cultura brasileira para falantes do português brasileiro como língua adicional. Considerando o interesse crescente mas ainda incipiente pelo português brasileiro na Itália, as autoras trazem não só um diagnóstico da situação, mas também

são propositivas, no sentido de proporem ações que ampliem esse interesse pelo português falado no Brasil. Segundo as autoras, as orientações perpassam três caminhos, quais sejam: o de investigar o português brasileiro como língua de acolhimento e língua de herança no Brasil, analisar o cenário do ensino de português brasileiro no Brasil para falantes de italiano e, por fim, atualizar materiais e metodologias voltados para o ensino de português brasileiro como língua adicional.

Para fechar, este número traz, ainda, a tradução *Língua portuguesa e cidadania no Brasil uma agenda para o século XXI* (no original: *Lingua portoghese e cittadinanza in Brasile un'agenda per il XXI secolo*). Originalmente, o artigo foi escrito por Roberto Mulinacci; aqui, trazemos a tradução feita por Julia Scamparini e Franciana Torres. Esse texto, que encerra o conjunto de artigos deste número da Revista Linguística, representa uma parte do que se esperava do número como um todo, já que oferece ao leitor uma visão crítica das práticas didático-pedagógicas do português brasileiro como língua materna. Ao optar por não se debruçar sobre os documentos oficiais, que pregam a formação cidadã, o texto descortina um cenário de base ainda prescritiva e discriminatória.

Assim, com essa tradução, encerramos esta apresentação da Revista, com a certeza de que o leitor terá em mãos um conjunto relevante e diversificados de análises que vão desde a descrição do português brasileiro, passando por textos que se dedicam a avaliar a variação tanto do ponto de vista da sua produção quanto da percepção que falantes tem sobre sua língua. Ainda, a partir deste número, o leitor poderá fazer tanto uma reflexão em nível micro como em nível macro sobre materiais e metodologias de ensino do português falado no Brasil como língua materna ou para falantes itálofonos.

Referências

- AZEREDO, José Carlos. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009
- BUGHÿ, Erasmo Jocundo. *Grammatica Portoghese-Brasiliana in trentatré lezioni*. Milano: Ulrico Hoepli Editore, 1983 [1957].
- CASTILHO, Ataliba de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- CLYNE, Michael. Epilogue. In: Clyne M. (ed.), *Pluricentric Languages: Differing Norms in Different Nations*. Berlin-New York: De Gruyter Mouton, 1992, pp. 455-465.
- CUNHA, Celso. *Gramática do Português Contemporâneo*. Belo Horizonte: L&PM Pocket, 1970.
- CUNHA, Celso. *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC/FENAME, 1972.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa, 1984.
- FREMURA, Arturo. *Grammatica della lingua portoghese-brasiliana*. Firenze: Le Monnier, 1947.

FRISONI, Gaetano. *Primo corso completo di lingua portoghese-brasiliana ad uso degli italiani*. Genova: G. Frisoni Editore, 1894.

ILARI, Rodolfo. Nova gramática do português brasileiro: tradição e ruptura. In: Castilho, Ataliba de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2010, pp. 25-29.

LANCIANI, Giulia; FARIA, Carla V. de Souza; PIPPA, Salvador. *Curso di Brasiliano (1 e 2)*. Milano: Hoepli, 2015-2016.

LUCCHESI, Dante. *Língua e sociedade partidas. A polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

NEVES, M. H. DE MOURA. *Gramática dos Usos de Português*. São Paulo: UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Roberta Pires de; QUAREZEMIN, Sandra. *Gramática na escola*. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

PAGOTTO, Emílio Gozze Norma e condescendência – Ciência e pureza. *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*, n. 3, pp. 49-68, 1998.

PERINI, Mário A. *Gramática Descritiva do Português*. São Paulo: Ática, 1995.

PERINI, Mário A. *Sofrendo a gramática*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.

PERINI, Mário A. *Modern Portuguese: a reference grammar*. New Haven, Connecticut: Yale University Press, 2002

PERINI, Mário A. *Gramática Descritiva do Português Brasileiro*. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

ROBERTS I., KATO, M. (org.), *Português Brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

VIEIRA, Francisco E. Gramatização brasileira contemporânea do português: novos paradigmas? In: Faraco, C.A.; Vieira, F.E. *Gramáticas Brasileiras: com a palavra, os leitores*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, pp. 19-69.

VIEIRA, Francisco; FARACO, Carlos Alberto. *Gramática do Português Brasileiro Escrito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2023.

VITRAL, Lorenzo. *Gramática inteligente do Português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2017.